

















11726. aar. 47.

**P O L I C E N A :**  
**TRAGEDIA PORTUGUEZA ,**  
**COMPOSTA, E DEDICADA**  
**AOS SEUS AMIGOS**  
**P E L O B A C H A R E L**  
**J O A Q U I M J O S É S A B I N O .**

---

*Pague-se amor fingido a quem o empresta,  
Mas quem bom amor dá, recceba o bom,  
Livre da tenção baixa, e deshonesto.*

Ferreira Carta 8.

---



**L I S B O A :**  
**NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA,**  
**ANNO M. DCC. XCI.**

---

*Com Licença da Real Meza da Commisão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

*Sumite materiam vestris, qui scribitis, equam  
Viribus*

**Horacio Vers. 38. da sua Arte Poetica.**



## A C T O R E S.

- POLICENA** - - - - *Rainha despojada do Throno, mulher de Aristides assassinado.*
- OLINDA** - - - - *Aia sua.*
- IDOMEU** - - - - *Velho decrepito, Confidente de Aristides.*
- POLIDORO** - - - - *Filho de Policena, e Aristides.*
- FELINTO** - - - - *Confidente de Polidoro.*
- ARCHELAURO** - - *Tyranno intruso no Throno.*
- POLIFONTE** - - - *Seu Confidente.*
- CREONTE** - - - - *General das suas Armas.*

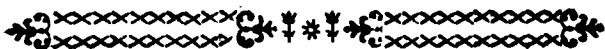
*Povo, e Soldados.*

---

Representa-se na Cidade de Numancia.

Lugar estavel. Atrio de Columnata, no tópe a vista, e entrada do Templo, e de ambos os lados vista de Palacio, onde de huma parte habita o Tyranno, e da outra Policena.





# ACTO I.

## SCENA I.

*POLICENA, e OLINDA.*

*POLICENA.*

**Q**ual relampago vi , que no ar se esconde ;  
Os meus dias fugir de paz risonha :  
Serenos dias , quando lisongeiros  
A'porfia os prazeres me affagavão.  
E póde entre a amargura , Policena ,  
Gozar indâ de allivio , Olinda minha ?  
Sombra de meu Esposo , tu que afflicta  
Ensanguentada , erras pelas negras  
Melancolicas margens do Cocito :  
Vós , miseros Numantes , vós , vós todos ,  
Que em densos esquadrões tambem errantes ,  
O vosso Rei seguís , sois testemunhas  
De meu fatal tormento ! Infame dia  
De amargura ! de horror ! O negro Averno ,  
E Eumenides cruéis te bafejirão !  
Oh triste ! . . . Quantas vezes , Aristides ,  
Da

Da tua dor suspenderás o pranto ,  
Para sobre o meu mal também chorares !

*OLINDA*

Mais horriveis não faças , Policena ,  
Os dias teus. Não tem Olinda forças  
Para te ver penar.

*POLICENA.*

Ah ! minha Olinda !

Meus dias , não sou eu , quem torna horriveis.  
Não fossem oxalá ! são duros males ,  
Que implacaveis me ferem , que raivosos  
Em torno de meu peito estão rugindo :  
Oh dia de afflicção ! dia espantoso !  
Para trévas creado , e para crimes ,  
Abortar os Infernos viste hum monstro ,  
Que de estragos , e horror armando o braço ,  
Numancia desolou ! Eu vi , Olinda ,  
E virão os teus olhos , ambas vimos  
Entrar no fatal Templo o traidor ímpio :  
Assassinar seu Rei , e n'hum momento  
Serem victimas tristes de seu braço  
Aquelles , que fiéis me defendião.  
Não findou inda o Sol o quarto gyro ,  
Desde que meus afflictos olhos virão  
Minha fatal desgraça , nem o tempo  
Amorteceo nas mentes assustadas  
A vivíssima imagem , desse dia

De



De crimes, e de horror, de espanto eterno.  
 Recrea-se o traidor sobre meu Throno  
 De ver-me aos pés escrava.

*OLINDA.*

Se Archelauro,  
 Se esse monstro cruel te usurpa o Sceptro,  
 Talvez que os Deoses inda vingadores,  
 Co' o sangue, e vida delle to restaurem.

*POLICENA.*

Que delirantes sonhos! Ceos, e quando  
 A meus amargos dias porá termo  
 A doce, a suspirada morte?

*OLINDA.*

Hum peito,  
 Onde a afflicta virtude se acolhesse,  
 D'entre nós a vingar-te talvez surja:  
 Meu coração mo dicta,

*POLICENA.*

Não delires  
 Raiar não póde mais a luz do dia  
 Alegre para mim: nasci sómente  
 A ser fatal a mim, fatal aos outros:  
 Tu mesma se quizeres com doçura  
 Momentos desfrutar de paz tranquilla,  
 De mim deves fugir, aborrecer-me.

*OLIN-*

## OLINDA.

Que proferes ? Olinda abandonar-te ?  
 Aborrecer-te Olinda ? Nada pôde  
 Separar-me de ti , sómente a morte.

## POLICENA.

Vejo a tua virtude. Ceos , piedade !

## OLINDA.

A teu duro pezar oh não te entregues !  
 Inda o povo talvez aborrecido ,  
 Sacuda da cerviz o cruel jugo ,  
 E a teu Throno vingada te conduza.

## POLICENA.

A esperança te engana a fraca idéa ,  
 E te adoça a afflicção , mas eu não posso  
 Deixar de conhecer a inexoravel  
 Occulta , cruel mão , que me persegue :  
 Triunfante o traidor , e eu triste vivo ,  
 Sem Throno , sem Vassallos , e sem filho ...  
 Oh ! se o não lamentasse sepultado  
 No avaro seio de inhumanas ondas ,  
 Ao menos minha dor adoçarião  
 Tépidas esperanças , e esse monstro  
 Talvez tremesse , vendo qu'inda havia  
 Hum braço vingador , o filho armado ,  
 Ou então no vil peito suffocára

A

A chamma da ambição abrazadora.

*OLINDA.*

Tua dor tambem sinto, os Deoses sabem  
A angústia, que soffri, quando os meus olhos  
Virão morto a meu Rei, no chão prostrado.  
Que tão tyranna morte! . . . .

*POLICENA.*

Esposo triste,  
Amavel Aristides, se onde existes,  
Se premeia a virtude, ás Parcas roga,  
Que a sombra me desprendão piedosas:  
Enternecei-vos, Nümes! . . . .

*OLINDA.*

Idomeu  
Em lagrimas banhando as tristes faces,  
Dirige para nós os passos lentos.

SCE-

## S C E N A II.

*IDOMEU, e as ditas.**POLICENA.*

**Q**Uando , caro Idomeu , o grato fogo  
Em cinzas desfará meu triste coipo?

*IDOMEU.*

Modera o afflicto pranto. Se vês morto  
Teu Esposo , e meu Rei : se vês teu Sceptro  
Na tyrannica mão de hum teu Vassallo ,  
Não deve o peito pio , a mente afflicta ,  
Desesperar dos Ceos , da Mão dos Deoses.  
Quem do incerto futuro a roda move ,  
He Braço eterno , sábio , e providente.

*POLICENA.*

Não cuides , Idomeu , que surda vivo  
A's sacrosantas vozes da Virtude :  
Tambem eu amo os Deoses , e os adoro :  
Mas se vi meu Esposo assassinado  
No seu Templo , no asylo , que nos derão  
Para nos lamentarmos ; e seguros  
Da mão consternadora , descobriremos  
Nossa dor a seus olhos , nesse sitio ,  
Onde mil , e mil vezes se nos mostrão

Nos

ACTO I. SCENA II. - II

Nos castigos, e Oraculos terriveis,  
(E agora desarmados fróxos deixão  
Triunfar hum tyranno) então que idéa  
Dos Deoses formar devo? Que são rectos?  
Mas oh quanto crueis forão comigo!  
Esposo, Throno, e filho, tudo tudo  
Vi desaparecer: sómente a vida  
Me deixarão crueis; porque soffresse  
Inda mais amargura.

*IDOMEU.*

Humilha, e prende  
De tua dor o impulso: os Ceos respeita.  
Póde o estúpido pó julgar das obras  
De quem a luz creou? As trévas podem  
Os raios disputar ao Sol luzente?  
Adora, adora: os Deoses obrão sempre  
Com sábia providencia, com justiça:  
Humilhemo-nos: são inaccessiveis  
Aos mortaes insoffridos os segredos  
Da ordem, com que os Deoses regem justos  
A portentosa máquina do Mundo.  
Adorar, e soffrer só nos pertence.

*POLICENA.*

Nasci para a desgraça?

*OLINDA.*

Vem, Senhora, Ar-

Archelauro.

POLICENA.

Cruel , tyranno monstro !  
Fujamos , Idomeu , que me horroriso  
De meus olhos manchar n'hum torpe rosto.

IDOMEU.

Não nos desampareis , Numes supremos !

SCENA III.

POLIFONTE , e os ditos.

POLIFONTE. (\*)

**N**ão te ausentes , Senhora , não desprezes  
A sagrada presença de Archelauro.

POLICENA.

Affasta-te , traidor , não quero vê-lo.

POLIFONTE.

Reflecte , Policena , como vives :  
O tempo abortador alçou seu braço ,  
Da urna dos fatidicos segredos  
Te arrebatou a sorte , e n'hum momento  
Do Throno te lançou a ser Vassalla.

*IDO-*

---

(\*) Impedindo sair a Policena.

*IDOMEU.*

Esquecido dos Deoses quanto vives!  
Com horror, Polifonte, os Ceos escutam  
Ao ímpio.

*POLICENA.*

Vai-te, infame, és meu Vassallo;  
E abaixar-me não devo ao vil opprobrio  
De disputar comtigo.

*POLIFONTE.*

Assim não penses,  
Que a mão transtornadora da Fortuna  
Os teus dias opprime. Não irrites  
As iras de Archelauro: de seu braço  
Agonizante pende a tua vida.

*POLICENA.*

Obedece-me, e vai-te. Policena  
Vos olha com desprezo. Sempre horrendo,  
E vil foi hum traidor do mundo aos olhos;  
E quanto não será aos desta triste  
De seu Throno por elle despojada?

SCE.

## SCENA IV.

*ARCHELAURO, e os ditos.**ARCHELAURO.*

**R**espeita a teu Monarca , Policena ,  
 Depõem tua altivez , conhece humilde ,  
 Que és Vassalla , que impunho o Sceptro pa-  
 trio

Os póvos opprimidos não podião  
 Hum jugo supportar de ferro , e sangue :  
 Desesperados todos me chamarão  
 No Throno para vir a dor sanar-lhes :  
 Amparo-os como Pai , puno , e dirijo.

*POLICENA.*

Blasfemo , que proferes ! Os meus olhos ,  
 E esses teus sempre sófregos de horrores  
 Neste sitio não vêm ( assim não vissem ! )  
 Tantos corpos exsangués por se opporem  
 A teu braço traidor sanguinolento ?  
 Não he padrão eterno de teu crime  
 As Aras pelo chão despedaçadas ?  
 Por toda a parte o pranto retumbando !  
 Em solidão as Praças ! Eu , eu mesma  
 Do Throno despojada , e neste estado ? . . .  
 No Reino , onde imperei como Senhora ,  
 De



ACTO I. SCENA IV.

15

De meus proprios Vassallos supportando  
Soberbas ameaças! De meus olhos  
Esconde-te, tyranno, foge!

*ARCHELAURO.*

Basta.

Emmudece, e receia. Não intentes  
Fatua experimentar com dor extrema,  
Se impero sobre ti, sobre Numancia.

*POLICENA.*

Não penses, Archelauro, que me aterro  
Com tuas ameaças: os dictames  
Da tua crueldade embora segue. (\*)

SCENA V.

*ARCHELAURO, e POLIFONTE.*

*ARCHELAURO.*

**O**H quanto, Policena, mal ponderas  
A sorte de teus dias! Ao momento  
Que acene minha mão, irás errante  
Acompanhar o Esposo. Polifonte,  
Do povo os corações examinaste?

*PO-*

---

(\*) Vai-se.

*POLIFONTE.*

Todo o povo , Senhor , te adora.

*ARCHELAURO.*

Admiro ,

O quanto tu descanças fatuo , e inerte  
Em écos inconstantes : não te fies ,  
Escravos da inconstancia são seus peitos.

*POLIFONTE.*

Mas se em mudo respeito encontro a todos . . .

*ARCHELAURO.*

De seus cerrados peitos saber devo  
Os taciturnos votos. Tristes delles ,  
Se imagina Archelauro hum so momento  
Que algum revolve as cinzas de Aristides ,  
Seu nome , e morte põem na lingua audace.

*POLIFONTE.*

Disfruta a paz do Throno , e de ti lança  
Assassinantes sustos , vãos receios.  
Descer ao surdo Lethes não fizeste  
A sombra de Aristides ? Não descêrão  
Tambem com elle as sombras dos Vassallos ,  
Que intentárão vingallo ? Polidoro  
Co' o desejo de unir os gratos Sceptros  
Dos Menios , e Numancia , e ver a Esposa ,  
Com

Com que a Parca o enganou, não foi nas ondas  
 Beber em salso tragos morte dura?  
 O terrível Felinto, o braço forte,  
 Arrimo do decrepito Aristides,  
 Não foi Embaixador na mesma Armada  
 Para servir com toda de alimento  
 A's avarentas ondas do Oceano?  
 Que receias, Senhor? Quem he o braço,  
 Que se atreve arrostar teu mortal ferro?  
 Policena he mulher, debaixo vive  
 Da nossa mão, guiar não póde hum passo,  
 Que fatal lhe não seja.

ARCHELAURO.

Não me esqueço,  
 Que o tempo sempre he monstro de mudanças.

SCENA VI.

CREONTE, e os ditos.

ARCHELAURO.

Que tens, Creonte? Vejo o teu semblante  
 Em pállidos cuidados envolvido:  
 Os falsos peitos calla dos soldados  
 Fervida sedição?

B

CRE-

## C R E O N T E .

Humildes todos  
 A seu Rei obedecem ; nem guiados  
 Do impulso da assombiante novidade  
 De teu estranho factó fallão.

## A R C H E L A U R O .

Sempre  
 Em contínuo receio a trópa rege :  
 Não deve o Rei prudente hum só instante  
 Deixar cahir da mão o terror justo.

## C R E O N T E .

Não tens de que temer : extinto vejo  
 O sangue da progenie de Aristides ,  
 E no seio das ondas acabárão ,  
 Os que mais te a sombravão : já te esquece  
 Que mandaste tres vezes mensageiros ,  
 A ver se algum da Esquadra se salvára ,  
 Antes que a tua fulminante espada  
 No Templo te ganhasse o patrio Sceptro ?

## A R C H E L A U R O .

A esperança de hum Throno lisongêa ,  
 Té animo introduz no peito fraco.  
 He doce soccorrer o desgraçado ,  
 Quando hum Throno promette. Policena ,  
 De momento em momento a banhar volta

As

As columnas do Templo fatal. Temo  
 Seu venefico pranto. O povo rude  
 He onda lisongeira, que se nutre  
 De inconstante furor, de novidade.

*POLIFONTE.*

Se sobre as Sacras Aras te offertasse  
 Sua mão Policena, então sem susto . . . .

*ARCHELAURO.*

Ao Throno me exaltei, sem que indigente  
 Buscasse por amparo estranho braço;  
 E igualmente regêllo tambem posso.  
 Ponderar o futuro monstruoso,  
 Não he pedir humilde; nem me abato  
 A pedir, quando posso a ferro, e mortes  
 O Throno conservar, e o meu respeito.  
 Policena, que a frôxa luz da vida  
 Com dor nutre do Throno desterrada,  
 Implorante a meus pés prostrar-se venha.

*POLIFONTE.*

Se os crebros males curvão, e amedrontão  
 O coração do Heróe, quanto não pezão  
 Sobre huma debil alma, sobre hum brando,  
 E delicado peito feminino?  
 Quantos tristes suspiros, e saudosos,  
 Não voárão no alcance do seu Throno?  
 Se n'outro tempo tímida da guerra,

B ii

Que

Que os muros arrazava do seu Reino ;  
Deo a mão , deo hum Throno a hum seu Vas-  
sallo ,

Não por ser de seu sangue , mas sómente  
Por ter hum defensor : agora triste ,  
Sem Throno , humilde , e escrava não receies,  
Que a desejosa mão a seu Rei negue.

*ARCHELAURO.*

Se prostrar-se a meus pés vem Policena ,  
Verá , como Archelauro compassivo  
Se digna dar-lhe a mão , subilla ao Throno.

*CREONTE.*

Acalmavão então duros receios ,  
Que tanto os doce dias te envenenão  
Sobre o trémulo Throno. Policena  
As delicias seria de Archelauro ;  
E unido ao sangue illustre dos Reis patrios  
O sangue de Archelauro , com espanto  
Novo tronco de Heróes Numancia víra.

*ARCHELAURO.*

Reporta-te , Creonte. O fragil medo  
Te dictou as palavras. Não depende  
Da mão de Policena a minha gloria :  
He minha espada só , são estes braços ,  
Que me hão de sustentar no mesmo Throno,  
Que elles sós me ganhárão. Quem mendiga  
Es.

Estranha protecção, novos soccorros,  
Desconfia de si, teme a fraqueza.

*CREONTE.*

Perdôa-me, Senhor: sincêramente  
Fallou o coração, não a fraqueza;  
Se arrancar minha espada, talvez léas  
No sangue, que no ferro inda conserva,  
Indelevel padrão a meus serviços.

*ARCHELAURO.*

Retira-te, Creonte: o meu cuidado  
Te chama para a frente dos soldados. (\*)

*POLIFONTE.*

Que me ordenas, Senhor?

*ARCHELAURO.*

Observa cauto  
De Policena os passos. Não quizera  
O meu braço manchar no debil sangue  
De hum peito feminino, mas ás vezes  
A indigencia do tempo o approva, e manda.  
Porém se no seu peito arder a chamma,  
Com que Amor junto ás Aras une as almas,  
Minha Esposa será.

*POLI-*

---

(\*) Vai-se Creonte.

P O L I C E N A .

P O L I F O N T E .

Se pois desejas . . . .

A R C H E L A U R O .

De amparo mulheril não necessito,  
 Taes idéas detesto. Inda conservo  
 Patibulos, alfanges, e tormentos,  
 Que a traidores consumão. (\*)

P O L I F O N T E .

Eu pensava . . . . ( \*\* )

Quem não víra o furor de hum Rei tyranno!  
 Que pensará de mim! . . . Oh ninguem queira  
 Entregar de seus dias a doçura,  
 Pelo falso clarão de ser valido!  
 Bebemos em contínuo sobresalto  
 Na taça da ambição cruel veneno.

A C T O

(\*) Vai-se.

(\*\*) Seguindo-o.





# ACTO II.

## SCENA I.

*POLIDORO em trage de naufragante.*

*POLIDORO.*

**O**H minha doce Patria , a verte torno !  
 No horrendo ventre de esfaimadas ondas  
 Quem , benéfico Ceo , nutrirá as esperanças  
 De vir inda gozar da luz suave ?  
 Policena , Aristides , Pais amados !  
 Que lagrimas , que dor no centro d'alma ,  
 Ah vos não ferira ! Sagrado Templo ,  
 Quantas vezes banhado vossas Aras  
 Não teráõ paternaes languidos olhos ?  
 Vai , Polidoro , vai : não te demores :  
 Vai fazer respirar huns frios peitos  
 Doce alvoroço , sôfrega alegria. (\*)  
 He o Templo , que vejo , ó Deoses ? .. Foge ,  
 Polidoro , do horror ! ... Oh cruel morte ,  
 Que medonhos troféos te consagrarão !  
 Oh Deoses de Numancia ! ... Oh triste Patria !

E's

---

(\*) Vai andando.

E's tu, que assim medonha te offereces  
 A meus olhos, ou tímidos delirão?...  
 Vem ao Filho, se vives, Aristides!  
 Chara Mãi... Passos sinto... Idomeo vejo!  
 As lagrimas lhe correm... Ceos conforto!

' S C E N A II.

*IDOMEIO, e POLIDORO.*

*IDOMEIO. (\*)*

**A** Chorar sobre ti tu me convidas,  
 Horrroso lugar. Triste Monarca!  
 Por occultos arcanos vi teus dias,  
 Teus dias de virtude, succumbidos  
 A' furia de hum traidor, porém lá gozas  
 Nesses campos felices premio justo:  
 Sim, Monarca, e Senhor, breves momentos  
 Soffreste. de amargura. Nos meus braços  
 Te recebi exsangue fluctuando  
 Entre ondas de dor, e de justiça:  
 Mas depressa soltando-se do corpo  
 Tua sombra ditosa vôou logo  
 A viver com heróes, com as virtudes.  
 E teu servo Idomeo persiste ainda  
 Neste mundo escabroso a par dos crimes? (\*\*)  
 P O-

---

(\*) Sem ver Polidoro.

(\*\*) Chora.

*POLIDORO.*

De mal em mal meus dias se despenhão! (\*)  
Que choras, triste velho?

*IDOMEIO. (\*\*)*

Que procuras?

Tu estavas ahí, queixar-me ouviste?  
Se és Numante, mancebo, não ignoras  
Da minha dor a causa; e se és estranho,  
Allivio não encontras em ouvires  
Horrenda narração, que o peito aterra.

*POLIDORO.*

Estranho sou, e do Paiz ignoro  
Os successos; mas teu semblante vejo  
De agonia enfiado: Oh! não me negues,  
Eu te rogo, contar-me hum triste factó,  
Que meu peito com lagrimas attende.

*IDOMEIO.*

Não cuides, que os meus males são occultos:  
Numancia sabe-os toda, e toda os sente.  
Se queres ver o horror os olhos alça,  
E chora o Rei mais triste. Nesse Templo  
Morreo á crueldade, e hum traidor pôde  
Com desprezo dos Deoses arrojallo

A

---

(\*) Comsigo.

(\*\*) Levantando os olhos.

A seus pérfidos pés : justo Aristides !  
 Mas quem do fragil pó, qual mente humana  
 Poderá prescrutar altos segredos !  
 Archelauro , vassallo humilde , e torpe ,  
 Ao Throno aspira , os crimes o guiarão ,  
 E encontrando iguaes monstros assassina  
 A seu proprio Monarca : sobre as Aras  
 Ardião sacrificios , e o Rei justo  
 No chão prostrado orando estava aos Deoses,  
 Quando' o Templo se inunda de vís armas ,  
 E hum sacrilego enxame de traidores  
 Cobre o tímido atrio. Oh crueldade !  
 Sacerdotes , Monarcas , e fiéis peitos  
 Servirão de troféo á tyrannia. (\*)  
 A penas se salvirão . . . . .

P O L I D O R O . (\*\*)

Pára , e deixa  
 Instantes respirar o oppresso peito.  
 Em surdo esquecimento , oh Deoses cégos !  
 Apadrinhais o crime ?

I D O M E O .

Assim não falles :  
 Da candida , celeste Mente ao Mundo  
 A Virtude desceo para saudar-nos ,  
 Mas os ferreos mortaes a perseguirão :  
 Des-

---

(\*) Chora.

(\*\*) Interrompendo-o.

Desde então gera o peito turbulento  
 Execrandas torpezas, geme o Orbe  
 Debaixo da desgraça, e feios crimes:  
 Sofre a roda fugaz, que lá te espera  
 O risonho prazer no Elisio Campo.  
 Mal pensa a mocidade, que a Virtude  
 Ensina a tolerar!

*POLIDORO.*

E ninguém resta?

*IDOMEIO.*

Huma triste reliquia nos existe,  
 Policena sómente Esposa sua,  
 E Senhora do Sceptro: Polidoro,  
 Deste Tronco fatal unico ramo,  
 Lá no seio dos mares sepultado  
 Baixou primeiro aos Manes: os Ceos fechão  
 Na urna de seu peito a razão sábia  
 Dos estranhos segredos do Destino:  
 Jaz morto . . . Tal vez vivo tremeria,  
 Archelauro volver no clauso peito  
 A mais muda traição . . . Mas soceguemos:  
 Ahi vem Policena: não te afflijas:  
 A dor não lhe inflammemos mais.

SCE-

## SCENA III.

*POLICENA, OLINDA, e os ditos.*

*POLIDORO. (\*)*

**O**H Deoses !  
He Policena aquella? Nos seus olhos  
Habitão os pezares !

*POLICENA. (\*\*)*

Hum mancebo  
Não vês? Afflicto vive, e nos seus beijos  
Parece, que o meu mal está fallando.

*IDOMEIO.*

A tristeza, e afflicção, em que fluctúa,  
Do peito a dor lhe expriment, e os trabalhos  
O genio terno, e docil lhe formaráo.

*POLICENA. (\*\*\*)*

Vem a mim, infeliz : chora comigo  
A tua .. Ah ! .. amparai-me, Idomeo, (\*\*\*\*)

A

---

(\*) Ao entrar Policena.

(\*\*) A Idomeo.

(\*\*\*) Indo para elle.

(\*\*\*\*) Fica absorta fixos os olhos em Polidoro, e encostada sobre os hombros de Olinda.

*POLIDORO.*

Deoses! . . . .

Triste Mãi! . . . mas que faço? Ah! Polidoro.:  
Fujamos da fatal Numancia!

*IDOMEIO.*

Numes!

He vivo Polidoro?

*POLIDORO.*

Idomeo, teme

Articular meu nome!

*POLICENA.*

Polidoro,

Meu filho . . . triste filho, és tu, quem vejo? (\*)

Abraça-me outra vez: toca meu seio:

Tu vivo! . . . Coração, tu me annuncias

Vaticinio cruel . . . . Oh desgraçado,

Chamar-t'ião á vida os patrios Deoses,

Para te abandonarem? . . . Para eu ver-te

Depois de mil desgraças nos meus braços

Soffrer a dura sorte de Aristides?

*POLIDORO.*

Sim, Mãi, Mãi infeliz: os nossos dias

São victima do Fado: os Ceos fulminão

So-

---

(\*) Abração-se, e ficção por hum espaço suspensos.

Sobre nós com rigor , com crueldade :  
 Das ondas me salvarão , para hoje  
 O meu sangue co' o teu banhar o sangue  
 Do infeliz Aristides.

## P O L I C E N A .

Não , meu Filho !  
 Espero inda abrandar os Ceos com rogos ,  
 Prostrada a seus Altares atrôando  
 Os ares com gemidos dia , e noite ,  
 Eu já mais cessarei. Desfallecida  
 Quando bradar não possa , que os meus beijos  
 Pálidos se enregelem , então mesma  
 A vida enviarei , e nesse instante ,  
 Em que as sombras desprezas livremente  
 Os Orbes todos rápidas penetrão ;  
 Lá irei despertar os surdos Deoses  
 A's bronzeadas portas.

## P O L I D O R O .

São inuteis  
 Lagrimas de amargura : o cruel Fado  
 Nossos dias contou com mão de sangue.  
 Em horridos perigos tropeçando ,  
 Cahir me sinto já nos ferreos braços  
 Da morte deshumana : ao menos quero  
 Adoçalla. A buscar corro o tyranno ,  
 E apertallo entre meus raivosos braços ,  
 Té que a vida exalemos hum , ou outro.

**IDO-**



*IDOMEU.*

Arrastão-nos, Senhor, os tenros annos  
A delirios fataes: não obedeças  
Ao juvenil furor do ardente sangue.

*POLICENA.*

Tambem tu, Polidoro, intentas fero  
Redobrar minha dor? Ah não, meu Filho!  
Não te exponhas á morte: vem comigo,  
Vamos ambos, corramos ao tyranno,  
A ceder-lhe a Côroa, e que nos deixe  
Abraçados viver.

*POLIDORO.*

Não me traspasses  
Com tão aguda dor o afflicto peito!  
Mais doce me será soffrer a morte,  
Que viver com vileza no meu Reino  
Olhando escrava minha Mãe soffrendo  
Oppressões de hum traidor, de hum seu Vas-  
sallo.

Não, não, tyranno! Tu não has de ver-me  
Implorante a teus pés em vil affronta.

*POLICENA.*

Polidoro, eu te perco. Oh triste Filho!  
A meus olhos vieste, para eu ver-te  
Entre ancias crueis de infame morte

Es-

Espirar nos meus braços ! Verei hoje  
 No seio da afflicção , e horror teu sangue ,  
 E as púlantes entranhas em pedaços  
 Correrem , e alagar-me as mãos , e o collo !  
 Oh Deoses , que me ouvís , que occulto braço  
 Os meus dias persegue , e ostenta injusto  
 Retratar nesta triste a triste imagem  
 Dos infelices todos !

## P O L I D O R O .

Vou , tyranno ,  
 Entregar-me a teu ferro. A si me chama  
 A rouca voz da Morte : a terra se abre ,  
 E a sombra de meu Pai co' os mais Numantes  
 Lá do centro clamar vingança oiço.

## P O L I C E N A .

Se vás , eu tambem vou , juntos morramos.

## I D O M E O .

Policena , que fazes ? Polidoro ,  
 A cólera não oiças. O soccorro  
 Esperemos do Ceo , e ao pé das Aras  
 Vamos-lhe supplicar , que nos descubra  
 O meio de salvar-nos : o seu braço  
 Tyrannicas cautélas anniquila.

## O L I N D A .

Policena ! Idomeo ! Oh Ceos , amparo !

Po-

Polifonte , Senhor . . . . ( \* )

*POLICENA.* ( \*\* )

Foge . . . mas onde ? . . .

Em que brenha ! . . .

*IDOMEU.*

Que intentas , Policena ?

*POLICENA.*

Eu vejo a Polifonte erguer o braço ,  
O braço enfanguentado . . . .

*POLIDORO.*

Eu vos invoco ;

Oh Manes ultrajados de Numancia !

Ódio , e furor , que em suas almas bramas ;

Vem ajudar-me ! . . .

*IDOMEU.*

Foge , Polidoro :

Se os teus dias vigia o Céu , Numancia  
No centro das ruínas será salva.

Quem sabe se por cima de seus crimes

A tremendo supplicio os Deoses guião

O cruel Archelauro !

C

PO-

---

( \* ) Para Polidoro apontando para a Scena , porque  
vê vir Polifonte.

( \*\* ) Correndo a abraçar-se com o filho.

## POLIDORO.

Ceo, és justo :  
Dirige o meu furor. (\*)

## SCENA IV.

POLIFONTE, e os ditos.

## POLIFONTE.

V  
Ejo em teu rosto  
Da pállida agonia o frio manto :  
Que tens, Senhora? Quem comtigo agora  
Pállido, como tu, d'alma ferida  
Arrancava gemidos? Hum Numante  
Teus males pranteando, ao ver-me afflicto,  
De mim treme, se esconde, e ficão todos  
Em trémula afflicção !

## POLICENA.

Quem, traidor, póde  
Ao ver-te, não tremer, e horrorizar-se ?  
Vai-te longe de mim !

## POLIFONTE.

Elle he Numante,

E

---

(\*) Vai-se rápido.

E naufrago, ou recém tornado á patria :  
Seguir-lhe os passos devo. (\*)

*POLICENA.*

Deshumano, (\*\*)

Não persigas hum triste . . . ai de mim ! Jove !  
Jove surdo, onde os teus raios ! . . . da dextra  
Te cahirão ? . . . Oh complice dos crimes !

*IDOMEU.*

Oh Deoses, sois piedosos ! a dor cega,  
E blasfemos nos faz : nossa Alma ruge :  
Mas quem póde enfrear duros gemidos !  
Polifonte, tem dó, e não irrites  
A amargura, e desgraça de huma triste,  
A quem o Throno, e a paz já tens roubado.

(\*\*\*)

SCENA V.

*POLIFONTE, POLICENA, e  
OLINDA.*

*POLIFONTE.*

**T**ua alma tranquilliza. Não deseja  
Com tua dor nutrir-se Polifonte :

C ii

Se-

---

(\*) Intenta ir-se á pressa.

(\*\*) Detendo-o.

(\*\*\*) Vai-se.

Senhora , eu te lamento.

*POLICENA.*

Infame , vejo  
O centro de tua alma.

*POLIFONTE.*

Tu te enganas.  
Attende-me , Senhora : inda no peito  
Conservo com paixão , docil ternura :  
De teu estado afflicto condoido ,  
Collocar-te no Throno pertendia ,  
Se tu quizesse . . . .

*POLICENA.*

Que oigo , Polifonte !  
O Throno me roubaste : inda fumegão  
Lagõs de sangue , que tua mão cruenta  
Em torno derramou deste recinto ;  
E agora te condões de meu estado ?

*POLIFONTE.*

Já dos Deoses fadada vem , Senhora ,  
A sorte dos Imperios. Nós humanos  
Por hum occulto braço conduzidos  
Os Destinos cumprimos fielmente.

*POLICENA.*

Polifonte , emmudece ; e não blasfemes !  
Aquel-

Aquelle , que por ter feras entranhas  
 Em pranto , e sangue alaga a Patria afflicta ,  
 Do Fado mensageiro se não chame ;  
 Sim monstro , sobre quem o Ceo , e a Terra  
 Vomitação maldições.

*POLIFONTE.*

Não me injurias :  
 Teu estado pondera : vê que vives  
 Sem Throno , sem esp'rança , e a tua vida  
 Patente de contínuo á dor , e ao ferro :  
 E acabar os teus dias não te punge  
 Nesse misero estado ? Tão heroico  
 Não he sóffer a sorte , do que a arte  
 De triunfar do tempo assim imigo :  
 Offerece a Archelauro a mão de Esposa ,  
 Que t' aceita benigno : assim alcanças  
 Hum Thronó com Esposo mais temivel.  
 Senhora , vai : aos pés te prostra humilde  
 De meu Rei . . . . .

*POLICENA.*

Basta já . . . .

*POLIFONTE.*

Que enternecido . . .

*POLICENA.*

Infame , neste estado sou a mesma :

Co-

Conhece-me , respeira-me. Não perco ,  
 Por ser huma infeliz , o ser Rainha ,  
 Ser unica Senhora de Numancia.  
 Com sacrilegas vozes não profanes  
 O nome de Aristides : foi Esposo  
 Da infeliz Policena. Se hum Vassallo ,  
 Se hum monstro atropelando as Leis mais sacras  
 Tirar-lhe a vida pôde , já mais pôde  
 Profanar-lhe a memoria. Infame , dize :  
 Hum traidor , que por mortes sóbe ao Throno ,  
 He por ventura Rei ? Character Sacro  
 Pôde o crime infundir ? Não te horroriza  
 Dictar-me tal conselho ! Eu Soberana ,  
 Descendente dos Deoses abater-me  
 Escrava a tributar amantes cultos  
 Ao tyranno mais vil , que manchou torpe  
 Sua dextra sacrilega no sangue  
 De seu Rei , e Senhor ? .. Que mais intentas ? ..  
 Ah longe de meus olhos ! foge , infame !  
 Procura o usurpador , dize-lhe affeito ,  
 Como sua Rainha delle sente :  
 Que afie os ferros torpes , que os embeba  
 Sôfrego todos juntos nesta triste :  
 Então mesmo verá como o meu sangue  
 Correndo pelo ferro accelerado  
 Da sua vista foge para o seio  
 Da benefica terra , onde se esconde  
 De sua tyrannia horrorizado. ( \* )

PQLI.

---

 ( \* ) Vai-se.



POLIFONTE.

Moderar a indignação... Vacillo... tremo...  
Oh vá, e amarga glória! (\*)

SCENA VI.

ARCHELAURO, e o dito.

ARCHELAURO.

Policena

Comtigo aqui esteve?

POLIFONTE.

Agora mesmo

Daqui se retirou, e inda agitada  
Com a sua desgraça odeia, e treme  
Ao eco de teu nome. Aconselhei-a,  
Que prostrada a teus pés a mão de Esposa  
Te ofertasse, Senhor; porém ao ouvi-lo  
De irada admiração as faces veste.

ARCHELAURO.

Não penses que mendiga meu socego  
A mão de Policena. Se abatida  
Despreza a minha mão, ha de Archelauro

A

(\*) Seguindo-a.

A sua desejar? Estou no Throno :  
 Sem susto o Sceptro empunho , e quando o  
 tempo  
 De temerosa face se revista ,  
 Só me basta hum punhal , lagos de sangue  
 Me espião de receios.

*POLIFONTE.*

Encontrei-a  
 Fallando co' hum mancebo : os rostos d'ambos  
 Consternados , e lugubres mostravão  
 Sua interna agonia. Era hum Numante  
 Feroz , e as vestes lucida grandeza ,  
 Inda que envelhecidas bem mostravão :  
 Ao ver-me se alterou : tímido foge :  
 E intentando eu segui-lo , Policena  
 Transportada de dor me cinge , e impede.

*ARCHELAURO.*

- E não tiveste ferros? Vai : eu quero  
 Vê-lo prezo a meus pés , e prezo , ou morto  
 Todo aquelle , que intente dissuadir-to.  
 De Policena o occulto domicilio ,  
 O Templo , as sepulturas , nada póde  
 Sagrado ser ás minhas Leis. Meu peito (\*)  
 De sustos inquieto mal desfruta ,  
 De rápidos prazeres sombras leves.

**ACTO**

---

(\*) Vai-se Polifonte.



# ACTO III.

## SCENA I.

*FELINTO em trage de naufragante.*

*FELINTO.*

**O** Sacro Templo vês , triste Felinto :  
 Alli foi , onde em lagrimas banhado  
 Teu Principe sahio dos patrios braços  
 A ser horrivel Victima das ondas.  
 Infelizes Monarcas ! Vosso pranto  
 Se ouvirá de contínuo ! A dor mil vezes  
 A' saudosa lembrança , á triste idéa  
 A imagem vos trará da despedida.  
 Mas ah ! que eu vos vou dar golpe mais fero !  
 Os meus lugubres olhos espantados ,  
 Os frios tardos beijos , o meu corpo  
 Convulso , e moribundo vos retratão  
 A medonha cruel morte do filho.  
 Anima-te , Felinto : Vamos. Olhos , (\*)  
 He Numancia , que vedes ? . . . Do chão surgem  
 Di-

---

(\*) Vai andando.

Diante de meus pés medouhas sombras ;  
 E as desgraças de mim em torno ondeião.  
 Oh Numancia infeliz ! ( \* )

## S C E N A II.

*POLIDORO, e o dito.*

*POLIDORO.*

**M**Eus fataes dias  
 A ser Victima voão . . . . mas delira ( \*\* )  
 Minha alma amedrontada ? Que fantasmas  
 Meu cerebro esvaído representa !  
 A imagem de Felinto ? . . . Sim, he ella . . .  
 Está immovel . . . . . Tímido regêlo  
 Entorpece meu corpo. Os pés me tremem . . .  
 Tragallo n'hum momento as feras ondas  
 Eu vi . . . Sua sombra será ? Sombra ,  
 O horrendo sitio deixa ! Vens errante  
 A morte annunciar-me ? tremo . . . . o susto  
 Me cála os frios membros . . . Polidoro ,  
 Que fazes ? O vil medo de ti lança.  
 Sombra de meu Felinto , que requeres ?  
 A que fim elevando-te das ondas  
 Vens procurar Numancia ? Se inda posso  
 Ser

---

( \* ) Fica suspenso olhando para o Templo.

( \*\* ) Vê a Felinto.

Ser util neste mundo, falla.

*FELINTO.*

Que oiço? . . .

Quem repete o meu nome desgraçado,  
E por morto me julga? Mas . . . Oh Deoses!  
O horror me prende a voz . . . Que tenebrosa,  
E fria mão me guia a vista errante?  
Oh tu, fantasma triste, que procuras  
De mim! Dize, o que queres, Polidoro.  
O sangue vens pedir-me por ventura  
Em defesa da Patria? Vens . . . oh! fallo!  
Meus braços pedes? Pedes minha espada? . . .  
Meus furores? Meu brío conhecido?  
Ou pedes só meu pranto, já que triste  
Só lagrimas possúo?

*POLIDORO.*

Vem, meu Felinto,  
A meu cóllo lançar-te.

*FELINTO.*

Espera: deixa,

Que minha alma restaure o alento antigo.  
Meu Príncipe, e Senhor, inda não creio, \*)  
Que te vejo nos braços! Ceo, que instante  
Tão grato me guardavas. Deixa ver-te.  
Como a furia das ondas encantaste?

*PO.*

---

(\*) Abração-se.

## POLIDORO.

Das ondas me salvei n'hum roto leme ,  
 Que os cubiçosos braços encontrarão.  
 Sim : salvo , e vivo estou. Oh dura vida !

## FELINTO.

Que acontece , Senhor ? Numancia vejo  
 Em miseras ruinas fluctuando.

## POLIDORO.

A contar-te , Felinto , não me obrigues  
 Importunas desgraças : mais não queiras  
 Que saber , e chorar comigo a morte  
 Do infeliz Aristides : e o seu Sceptro  
 Por hum traidor cruel tyrannizado.

## FELINTO.

Aristides he morto ! Que ímpio braço  
 Se atreveo a extinguir seus sacros dias ?

## POLIDORO.

Archelauro lhe usurpa o Sceptro , tendo  
 No seu sangue primeiro a mão banhado ,  
 Esse torpe Vassallo , que Aristides  
 Ao cume das grandezas exaltára.  
 Creonte , Polifonte , e iguaes rebeldes  
 Lhe servirão de braço. Oh meu Felinto ,  
 Todo o peito fiel , onde as virtudes

Ha-

Habitavão, da sua tyrannia  
 Triste Victima foi: só Policena,  
 Para que eu supportasse a dor mais fera,  
 Vive; mas vive escrava entre as affrontas!

*FELINTO.*

Oh Numancia! Felinto! em vão a ira  
 No desarmado peito bramar ouyes!  
 Sou o mesmo Felinto, Senhor; pôde  
 A implacavel desgraça desarmar-me;  
 Mas já mais poderá meu brio, e peito  
 Possuir, e aterrar. Entre os mais corpos,  
 Que acompanhão seu Rei em somno eterno;  
 Irá morar o meu, quando não possa  
 Meu Monarca vingar, vingar Numancia.

*POLIDORO.*

Vamos, caro Felinto: eu te acompanho:  
 Com gloria o nosso sangue a Patria regue  
 Banhada inda recem co' o sangue regio,  
 E de tantos Heróes.

*FELINTO.*

Oh não te exponhas  
 A hum traidor triunfante! Inda a Felinto  
 Conhecerá o exercito: os seus peitos  
 Ufanos com victorias não se esquecem,  
 Que á sombra de meu braço mil, mil vezes  
 Dos imigos da Patria triunfárão.

**Es.**

Esconde-te , Senhor : entre os Numantes  
 Aos écos de meus golpes tua vida  
 Constante annunciarei : e , quando em torno  
 De mim vir os Numantes ondeando  
 Clamar por liberdade , então o braço  
 Com o exemplo os seus golpes animando  
 Irá dar ao traidor duro castigo.

P O L I D O R O .

Vai , Felinto fiel. Quanto desejo  
 Saciar meu furor , vingar Numancia !

F E L I N T O .

A Deos , Senhor. Os Ceos propicios queirão  
 Cobrir de protecção os meus desejos. (\*)

S C E N A III.

P O L I D O R O , e I D O M E O .

I D O M E O .

**S**E os paternaes , Senhor , potentes Deoses  
 Teus dias não ampárão , brevemente  
 Da tyrannia victima seremos :  
 Vivendo entre traidores , hum , ou outro  
 Te póde descobrir.

P O -

---

(\*) Vai-se.



POLIDORO.

Nenhum vassallo

Dos fiéis a seu Rei escapar pôde  
A' tyrannica furia ?

IDOMEIO.

Quem o sabe ?

Talvez que algum fugisse , e nas cavernas  
Com as feras habite inda tremendo.

POLIDORO.

Irei eu , Idomeo , expôr-me ao Fado ,  
Clamarei entre o povo : e , se em seus peitos  
Inda a candida fé , o amor , o zelo  
A's clamantes Reaes Cinzas consagrao ,  
Numancia vingarei ; mas se os agita  
Cruel torpe traição , descerei hoje  
A errar com tantas sombras , mas ornado  
De vingadas suavissimas feridas.

IDOMEIO.

Ah , Senhor , com brilhante fantazia  
Te attrahe a sanguinosa astuta morte !  
Archelauro vigia a par das iras ;  
E hum peito criminoso sempre teme  
De inquietos remorsos combatido :  
A si chama a crueza , em tudo pensa  
Ver venenos , punhaes : sófrego intenta

Affo.

Affogar os seus sustos em torrentes  
De aborrecido sangue.

*POLIDORO.*

Chegue a morte :  
Mais doce me será , que ver meus dias  
Na desgraça entre affrontas submergidos.

*IDOMEIO.*

De meus languidos pés a prisão fria  
Me proíbe , Senhor , morrer contigo ;  
Mas a alma te acompanha. Vai : teus passos  
Os Deoses paternaes armados guiem. (\*)  
Oh sôfrega ambição , quanto endureces  
Os corações humanos ! Suffocando  
Da natureza os brados te glorias  
De estragos ; e de torpes crueldades.

S C E N A IV.

*ARCHELAURO, e IDOMEIO.*

*ARCHELAURO.*

**A** Que fim , Idomeo , contínuo habitas  
Neste sitio ? Pertendes com teu pranto  
Reanimar as Cinzas , ou intentas  
Commover os Numantes ?

*IDO-*

---

(\*) Vai-se Polidoro arrebatado.

*IDOMEU.*

Não, tyranno ;  
Não sou braço dos Deoses ; pois que espero  
A todo o instante fuja a minha sombra  
Deste languido corpo , acabar quero  
Unido ás Régias Cinzas.

*ARCHELAURO.*

Não ignoro  
Teus intentos subtís , falsos desejos :  
Quem he pois hum Numante , que acompanha  
A Policena ?

*IDOMEU.*

Temes ? . . .

*ARCHELAURO.*

He d'armada ?

*IDOMEU.*

Não alegrou teus ávidos ouvidos  
A certeza de todos perecerem ?  
Teus fiéis mensageiros não errarão  
Por todos os rochedos ?

*ARCHELAURO.*

Teus intentos  
A ti mesmos fataes verás com pranto.  
D *IDO-*

## IDOMEIO.

Impio, tremes! Huns tristes sem amparo  
 De envenenão a paz, e t'intimidão?  
 Quem a paz te roubou, são, Archelauro,  
 Inquietos, e tímidos remorsos.

## SCENA V.

POLICENA, OLINDA, IDOMEIO, e  
 ARCHELAURO.

## POLICENA.

QU'ímpio arrojo, tyranno, concebeste?  
 Mandaste ir Polifonte com soldados  
 A meu sacro aposentó? Considera  
 Que sou tua Rainha, e não ultrajes  
 Em mim as Leis, e os Deoses.

## ARCHELAURO.

Desconheço

Em Numancia outras Leis, se não as minhas;  
 Mas te ultrajem, Senhora, não tolero.  
 Te acompanha hum Numante sei: presumo  
 Da esquadra se salvou: fallar-lhe quero,  
 E me exponha o naufragio. Pois pertendo  
 Socegar no Cocito errantes sombras  
 Com sagrados perfumes de holocaustos.

P O-

*POLICENA.*

Intentas socegar do Filho a sombra ;  
 E obrigas a do Pai vagar errante ?  
 Quando ensopas a mão no Regio sangue  
 Sem menor piedade , o de seu Filho  
 Te move a compaixão ? Impio tyranno !  
 Conhecido já vives ; com tal arte  
 Não dás mais pasto ao braço carniceiro.

*ARCHELAURO.*

Se protege o teu peito mavioso  
 Desse infeliz os dias , não receis ,  
 Que os meus olhos o vejam : mostrar quero ,  
 Quanto intenta Archelauro cobiçoso  
 Affagar-te a afflicção.

*POLICENA.*

E's compassivo ? . . .  
 Infernal compaixão te inspira o peito !  
 O coração te vejo : todos sabem ,  
 Que odio eterno juraste á Descendencia  
 De teus Reis , e Senhores ! Não sei delle . . .  
 Ausenta-te daqui que me horrorizas.

*ARCHELAURO.*

Teme que os teus furores insensatos  
 Algóz da vida sejam , que proteges.

## S C E N A VI.

*POLICENA, OLINDA, e IDOMEIO.**POLICENA.*

Q U E fiz, oh Ceos! Oh Filho desgraçado,  
 Eu fui, quem accendí da furia os fachos!  
 Tua homicida sou! Oh mulher triste!  
 Mãi a mais infeliz, que concebeste!  
 Idomeo, que farei?

*IDOMEIO.*

Que fazer deves? . . . .

Oh Deoses! quanto são vossos arcanos  
 A' mente do mortal inexcrutaveis!  
 Entre a dor nossos peitos se indecidem,  
 E já mais se prevê intento vosso.  
 Polidoro, Senhora, exposto vaga  
 Aos vigilantes laços do tyranno  
 Confundido entre o povo: não diviso  
 Outro meio, que orarmos. Os Ceos podem,  
 E mal assoma o seu potente Braço,  
 O braço do mortal desaparece.

*POLICENA.*

E devo crer, que os Deoses d'entre as ondas  
 Da tormenta voraz o resgatarão

Pa-

Para serem crueis com elle agora?  
Ferozes, e aviltados o entregarem  
Para triumpho ser do crime ufano?  
Restitui-me, oh Ceos, o triste Filho!  
Não queirais que as entranhas agitadas  
Co' a maternal lembrança se revoltem,  
Afieem minha dor, e os beiços guiem  
A escravos movimentos, a blasfemias.

*IDOMEU.*

Na mais dura afflicção as nossas almas  
Inda a pia humildade abraçar devem:  
Recebêrão as feras desde o ventre  
A natural fereza, e a nós humanos  
Das Divindades sopro nos foi dado  
A complacencia, amor, docil ternura.

*POLICENA.*

Mas eu perco a meu Filho! Soar sinto  
Huns écos, que o inquieto medo guião;  
Já grilhões, que arrastados me estremecem:  
Ouvir já me parece huma voz rouca  
Clamar por mim no transe agonizante.  
Não choro já meu Throno, nem lamento  
Do triste esposo as Cinzas. Novas dores  
O peito me traspassão: só me ferem  
Os cuidados de Mãi, aquelle sangue,  
Que pulsou tanto tempo nestas véas.  
Só me lembra, e me fere inconsolavel

(As-

(Assim ferisse aos Deoses!) a lembrança  
De tê-lo concebido, e para vê-lo  
Espirar entre arrancos em gemidos.

*IDOMEU.*

Lamento a tua dor.

*POLICENA.*

Quantos intentos  
Em tumulto guerrêo na minha Alma!  
D'huma parte a Virtude, a Magestade  
Me obrigação a odiar o cruel monstro,  
D'outra o ser maternal suffoca, e vence  
A razão, e os estimulos da ira.  
Aborreço, e desprezo aquelle mesmo,  
A cujos pés me vou lançar agora:  
Mas se Mãi inda sou!... Se o Filho vejo  
Chorado ha tanto tempo conduzido  
A ser morto diante de meus olhos!...  
Eu vou.....

*IDOMEU.*

Perder o Filho?

*POLICENA.*

Não perdê-lo!...  
Recupera-lo vou: vou abater-me  
A vergonhoso opprobrio, ao qual sómente  
Se abaterião Mães atribuladas:

○



O traidor pela minha mão suspira  
 Para viver em paz ; mas orgulhoso  
 Quer , que eu mesma humilhada lha offereça.  
 Eu lha vou entregar , e quando unida  
 Caminhar ao odioso fatal tóro ,  
 Armada a minha mão de heroico ferro  
 Traspassará seu peito abominavel.

## IDOMEU.

Que imaginas , Senhora ? Não succumbas  
 A tão violenta dor , que te deslumbra.  
 Com crimes não se deve , inda na urgencia ,  
 Remir os nossos males.

## POLICENA.

Do meu crime

Me espiarei co' a morte atravessando  
 O meu seio , depois de estar vingada :  
 Baixarei aos Infernos , e mostrando  
 A meu Esposo o golpe gotejante ,  
 Verá , que eu o vinguei das traições ambas ,  
 O tyranno matei , e a Policena !  
 Verá que o amor de Mãi , qu'astristes ancias  
 De querer amparar hum Filho afflicto  
 Meditirão o horror da acção injusta.  
 Então elle , qu'he Pai , e em susto , e ancias  
 Comigo vê tremendo o seu destino ,  
 Me deve desculpar , chorar comigo.

IDO.

## IDOMEU.

Tantos crimes unidos não te aterrão ?  
Injuriar os Deoses invocados  
Para serem presentes a hum nó Sacro  
Fingido , e profanado , e depois logo  
Ser arbitra de tua vida , quando  
Só os Deoses prescrevem nossos dias !  
Apossado do peito o menor crime,  
Invadem todos mais , que em torno o seguem.

## POLICENA.

Vem comigo , Idomeo , não me abandones  
No centro da afflicção allucinada.

**ACTO**



# ACTO IV.

## SCENA I.

*POLIFONTE, e CREONTE.*

*POLIFONTE.*

**Q**Uanto teme, Creonte, o fim do dia  
 O Coração fatidico! Numancia  
 Dos horrores será hoje theatro!  
 O povo d'huma parte o braço alçando  
 Por liberdade clama, e diz que he vivo  
 Polidoro: Archelauro enfurecido  
 Estrago, e mortes jura sobre a espada.  
 Sua face he terrivel, forte o braço,  
 No peito não lhe entrou já mais o medo,  
 Já mais a compaixão: alli, se o Fado  
 Nos entrega nas mãos de Polidoro,  
 Pagámos a perfidia: tu me dizes  
 Que a trópa de teu mando se desmembra...  
 Que faremos?... Cruéis remorsos! Vejo  
 Debaixo de meus pés abrir-se a campa!

*CRE-*

## C R E O N T E .

Felinto , que escapou , lhe irrita os peitos ,  
 E marcha á frente delles. Eu pensando ,  
 Que descansar podíamos sem susto ,  
 Sabia do rumor , bem via as fronte  
 Em mudos pensamentos entretidas ;  
 Mas olhava-os sem medo ; não me vinha  
 A' socegada mente tal mudança ,  
 E a Archelauro dize-lo receava.

## P O L I F O N T E .

Seu implacavel iracundo genio  
 Ondeando em furores nada attende ,  
 Mas elle vem : a Deos. Vou por seu mando  
 Talvez morrer. Imagem temerosa  
 Fatal fim a meus dias annuncia. (\*)

## S C E N A II.

A R C H E L A U R O , e C R E O N T E .

A R C H E L A U R O .

**A** Trópa desamparas ? No momento,  
 Em que a base vacilla de meu Throno,  
 Me abandonas cobarde ?

C R E -

---

(\*) Vai-se.

*CREONTE.*

Não me affrontes  
Ao tempo, que meus braços assim fracos  
Te servem. Já terrível esta espada  
Hum Throno te ganhou, e por instantes  
Sepultado em meu sangue irei nas sombras  
Ser victima do estrago.

*ARCHELAURO.*

Que Numante  
Subleva os Estandartes?

*CREONTE.*

Marcha o Povo,  
Quasi todos acclamão por seu Chêfe  
A Felinto, a quem seguem.

*ARCHELAURO.*

Vê, não seja  
Algum tímido sonho de tua alma,  
Ou de negra traição subtil invento!  
Sublevar veio o povo lá das ondas  
O Espectro de Felinto, ou tu, Creonte,  
E's o traidor Felinto?

*CREONTE.*

Socegado  
Vivia todo o exercito, e teu nome

Res-

Respeitado, Senhor, por todos era :  
 Eis agora apparece naufragante  
 Felinto. N'hum momento a todos falla ,  
 Lembra-lhes o seu Rei , lhes diz qu'he vivo  
 Polidoro , e que habita no Palacio  
 Escondido de ti ; não diz mais nada :  
 Terno os olha , e , mais breve do que o digo ,  
 Saca a espada , seu Rei invoca , e volta.  
 Quasi todos , Senhor , por força occulta  
 Após delle se lanção.

### ARCHELAURO.

Em mim sinto  
 Estranha confusão . . . . Felinto vive ? . . .  
 Polidoro em Numancia ? . . . . Em tal lethargo  
 Se esquecem os meus pérfidos Ministros ? ..  
 Eu corro , sim , traidor ! ás minhas trópas  
 Como tu infieis.

### CREONTE.

Esse he o premio ,  
 Que dás a meus serviços ? Nem merece  
 Outro premio hum traidor , que a seu Mo-  
 narca  
 Vendeo por vans promessas ; mas não penses  
 Qu'hei de ser-te infiel ; a defender-te  
 Vou até acabar meus feios dias :  
 Cahir verás a meu raivoso ferro  
 Os peitos , que encontrar , até que encontre .

A

ACTO IV. SCENA II. 61

A morte , que sepulte os meus remorsos. (\*)

*ARCHELAURO.*

Que sombras denegridas me revôão  
Pelos olhos dormentes ! Polifonte ! . . .  
Creonte ! . . . Desamparão-me ? . . . traidores !  
Mas tu me vingarás , honrosa espada ; (\*\*)  
Consagra-me este dia ás minhas iras.

SCENA III.

*POLICENA , OLINDA , IDOMEIO ,  
e ARCHELAURO.*

*POLICENA.*

**O**Nde estarás , oh filho desgraçado ,  
Causa das minhas . . . Idomeo , fujamos. (\*\*\*)  
Alli o torpe monstro . . . .

*ARCHELAURO.*

Que pertendes

Neste sitio ?

*PO-*

---

(\*) Vai-se.

(\*\*) Tira a espada.

(\*\*\*) Vê a Archelauro.

## P O L I C E N A .

Chorar minha desgraça,  
E irritar contra ti do Ceo as iras!

## A R C H E L A U R O .

O tempo foge, foge o soffrimento  
Para ouvir-te. Confessa, Policena,  
Toda a traição confessa, que exasperas  
Com tuas falsas lagrimas: confessa,  
Onde vive esse filho imaginario,  
Que salvo do naufragio te acompanha?  
Quem são esses infames levantados,  
Que a plebe desordenão, que já marchão  
A restaurar-te o Throno? Não o negues  
Se inda queres de vida instantes breves.

## P O L I C E N A .

Maldize-me, tyranno, mas não tentes  
Profanar d'humas sombras a memoria,  
Que descanso em paz. Quem te inquieta?  
Onde está esse Filho? Triste Filho!  
Que da misera Mãi herdou os males!  
Onde estão tantos peitos da virtude,  
Que procurão vingar a patria? Aonde?  
Respirar por ventura illesa póde  
A Virtude, onde tu, tyranno, imperas?  
Oh coração de tigre! Oh alma bruta!  
Que já mais nas entranhas acolheste

Seq-



Sentimentos humanos !

*ARCHELAURO.*

Deixa o pranto :  
 Não finjas afflicção ; pois não consegues  
 Com lugrimas astutas illudir-me.

*POLICENA.*

Não penses tu que a morte me horroriza !  
 Por asylo a desejo.

*IDOMEU.*

Hum só instante  
 Abre o peito á ternura.

*ARCHELAURO.*

Conselheiro ,  
 De teus conselhos pérfidos desejo  
 Dar-te premio condigno : astuto desce  
 Por entre as sepulturas a abraçar-te  
 Co' a sombra de teu Rei : oh lá , soldados ,  
 Rasgai-lhe o peito infame.

*IDOMEU.*

Eu to agradeço.  
 Meus dias tinha a Parca posto ao golpe ,  
 E estavam a espirar , mas tu benigno  
 Apressas inda mais a mão da Deosa.

Oh

Oh quanto a desejava ! Que duvidas ? (\*)  
 Apressa-te , tyranno , e se ser póde  
 Co' o ferro , que a teu Rei tirou a vida ,  
 Ttraspassa-me com elle : Se tu tardas ,  
 Não achas a Idomeo , sómente o corpo .

## S C E N A IV.

*POLIFONTE , POLIDORO , e os ditos .*

*POLIFONTE . (\*\*)*

**E** Is prezo Polidoro .

*P O L I C E N A .*

Deshumano ,

Aqui me tens tambem , mette-me a ferros ,  
 Pelas Praças me arrasta , o algoz chama ,  
 Que sobre minha fronte descarregue  
 O golpe infame ; e vê tu mesmo , como  
 Com sua mão medonha me separa  
 A cabeça infeliz . Então exulta  
 De veres a teus pés pállida , e fria  
 A truncada cabeça de huma triste ,  
 Que foi tua Senhora : d'huma triste ,  
 Que em vão em suas veiaç correr sente

Sur-

---

(\*) A Archelauro .

(\*\*) Trazendo prezo Polidoro entre soldados .

Surdo sangue de Deoses deslembados.

*ARCHELAURO.*

O raivoso veneno, que intentavas  
Derramar sobre mim, em crueis trágos  
Te verei esgotar. Alça nos muros (\*)  
A traidora cabeça, e o corpo lança.  
A rodar pelas Praças.

*POLIDORO.*

Traidor! monstro!

Ouve-me, e treme! Os braços assim prezos  
Fataes te podem ser, e os debeis écos  
Destes beiços já brancos moribundos  
Enterneção talvez a seus vassallos.  
Sou Polidoro, sou: os meus Numantes  
Mudo amor me conservão. Se alcançaste  
Por meio d'hum traidor ver-me em cadéas,  
S'esse monstro execrando com mão ímpia  
Me prendeo desarmado, a sêde farta,  
Arranca-me as entranhas, bebe ufano  
Sobre o rasgado golpe o infausto sangue,  
Mas recêa depois, treme, tyranno!  
Que o meu caro Felinto inda hoje mesmo  
Vingará minhas Cinzas. Mãi, que fazes? (\*\*)  
De ver o Filho foge, ó desgraçada,  
Em pállida agonia arrancar gritos.

E

Que-

(\*) A Polifonte

(\*\*) Já Policena está abraçada com o filho.

Queres ver-me lutar em vão co' a morte ,  
 Ambos nós moribundos sem podermos  
 Desenlaçar os braços ? Soffrer queres  
 Com estatica dor a par do Filho  
 Tormento cruelissimo , que os Deoses  
 Vingativos , de cólera abrazados  
 Na mente excogitar já mais -podêrão ?  
 Vai antes esconder-te , onde eu não veja  
 Teu rosto , e tua dor. Vai nesse Templo  
 No meio dos cadaveres clamantes  
 De ingratos accusar injustos Deoses!

## P O L I C E N A.

Oh Filho meu , que mão iniqua , e fera  
 Occulta te guiou para Numancia !  
 Hei de ver-te espirar a mãos traidoras !  
 Oh Deoses , que me ouvís ! minha amargura  
 Vos serve de prazer ? Oh mulher triste !  
 Oh monstro de desgraças ! Archelauro ,  
 Põe termo á crueldade : o Filho dá-me ,  
 E usurpa embora o Throno , que eu to cedo.

## A R C H E L A U R O .

Polifonte obedece. ( \* )

## P O L I C E N A .

Em vão forcejas :  
 Morrer hei de abraçada com meu Filho.

As-

---

( \* ) Polifonte vai desprendê-la.

Assassinos crueis, voltaí os braços  
 Para meu peito só! chegai, ó monstros!  
 As entranhas rasgai-me. Quaes rochedos,  
 Com surda crueldade immóveis ficão.  
 Monstro de infamia! Oh Furia! e não te movem

(\*)

Minhas lagrimas? Faze compassivo  
 Correr d'ambos o sangue... as forças fogem,  
 Os olhos se me eclipsão. Chegas, morte?  
 Polidoro, segura-me.... teus braços....  
 A luz me foge... a voz... Olinda!.. (\*\*)

*ARCHELAURO.*

Faze

Espirar Idomeo co' o mesmo ferro.  
 A esperança fugir veja Numancia  
 Junta ao Príncipe seu agonizante.

*POLIDORO.*

Vem tu mesmo, traidor, cravar-me o ferro:  
 Unir-te com meus braços, qu'inda fracos  
 Tem animo, e valor para vingar-me.

*IDOMEIO.*

Tu mandas, Archelauro, a minha sombra  
 Descançada habitar entre a Virtude;  
 Mas tu penas luctando co' os remorsos.

E ii

SCE-

---

(\*) Desprende-a Polifonte, e por fim a traz desmaiada para os braços de Olinda. (\*\*) Cahe desmaiada

## SCENA V.

POLICENA; ARCHELAURO,  
e OLINDA.

POLICENA.

**C** Omtigo vou morrer : espera . . . vamos . .  
Onde estás , Polifonte ? Eis os meus braços :  
Cadêas dá-me , dá-me compassivo  
Suspirados grilhões , que ao Filho m'unão  
Nossas almas se encontrem na fugida.  
Eu vou . . . Oh Polidoro , a Máí te segue . . .

OLINDA.

Talvez de lhes tirar agora acabe (\*)  
O cruel Polifonte as tristes vidas.

POLICENA.

Oh maldito sequaz d'hum vil tyrano!  
Teu corpo já mais tenha sepultura,  
Nem honras funeraes , piedoso fogo,  
Tua sombra ululando errante gyre  
Pela soturna margem do Cocito :  
Alli tolere opprobrios de Aristides :  
Acolá teus Pais veja horrorizados  
Esconder-se , e fugirem. Solitaria

A

---

(\*) Olhando para os bastidores,

A si mesma aborreça. Se intentares  
 Abrandar Acheronte a que te passe,  
 Com rosto mais cruel do qu'inda mostra  
 Te despreze os gemidos. Satisfeita  
 Sobre ti cahir veja quanto podem  
 Com rigor fulminar os Ceos irados!

*ARCHELAURO.*

Deliras, Policena! Se o pensasses,  
 Talvez agora.....

*POLICENA.*

Deixa-me, tyranno!

Sinto abrir estridentes fechaduras:  
 Aos ouvidos me ferem roucos écos  
 De grilhões arrastados: vozes tristes  
 De affliccos innocentes..... alli finda  
 No cutelo huma vida..... acolá outro...  
 Ceos!.. Olinda!.. Que vejo!.. Hum fer-  
 ro infame

Nas mãos de feio algoz dispara o golpe  
 Na garganta de meu.... Já morto cahe.  
 Ah! eu vou, Polidoro! Os pés me tremem..  
 Algoz, espera, faze compassivo  
 Outra morte: meu peito te offereço.

*ARCHELAURO.*

Matai-a, se intentar seguir o Filho. (\*)  
 PO-

---

(\*) Vai-se.

## POLICENA.

Ah! Sim, Numantes meus! (oh doce morte!)  
Do tyranno cumpri as leis: eu mesma  
Vo-lo ordeno, e vos rogo.

## CLINDA.

Oh! não, Numantes!  
Senhora, que pedís?

## POLICENA.

A morte, a morte!  
Não vês a terra abrir-se, e surgir della  
De meu Esposo a desmaiada sombra?  
Os esqualidos pés vem dirigindo  
Para mim: Eu o vejo, não me engano.  
E's tu, triste Aristides: vens buscar-me!  
Comtigo vou.

## OLINDA.

Fujamos deste sitio.

## POLICENA.

Ouve-lhe as vozes roucas, e sumidas,  
Com que me chama a si: » Teu Filho he  
morto,  
» Vaga errante comigo, e tu que fazes,  
» Escrava d'hum traidor inda vivendo?

OLIN-



## OLINDA.

Policena . . . que horror me géla as véas !  
Ah infeliz Olinda !

## POLICENA.

Já te sigo :

Minha alma desprendendo-se se encontra  
Pelo seio da terra : por escuro ,  
E apertado caminho afflicta rompe.  
Já vejo o negro rio . . . nessas margens  
De espantos , e de medos habitadas ,  
Morará para sempre Policena.  
Quem me sustenta ! . . . Caio ! . . . A alma foge  
Entre frios arrancos. De ti fico  
Escondida , tyranno , e a terra toda  
Se intremette entre nós. Vem , triste Esposo ,  
Nos meus braços . . . espera . . . foges .. som-  
bra . . . .  
Daqui porém clamar outra voz oiço . . . (\*)

## OLINDA.

Policena infeliz ! (\*\*)

## POLICENA.

Ouves , Olinda ,  
Os écos d'huma voz desfalecida ?

He.

---

(\*) Aponta os ouvidos para a outra parte da Scaeta.  
(\*\*) Segurando-a.

He Polidoro... Filho, em vão me chamas!  
 O Sol se infla... a terra até ao centro  
 Estremece, e se abala. Abrir-se sinto  
 Com horrisono som suas entranhas...  
 Espera, filho triste!... Já descendo  
 Vai a pállida sombra. Agora, Olinda,  
 Espirou nos tormentos. Quem se anima  
 Guiar-me ao seu cadaver?... Quem piedoso  
 De mim tem compaixão! (\*)

*O L I N D A*

Triste Rainha!  
 Numantes, soccorrei-me compassivos! (\*\*)

---

**ACTO**

(\*) Vai-se.

(\*\*) Todos consternados a acompanhão.



# ACTO V.

## SCENA I

*ARCHELAURO com espada na mão, e soldados.*

*ARCHELAURO.*

**A**H! Numantes, tremei! minha vingança,  
 Vos vai beber o sangue. Vós, soldados,  
 Se a infame, e vil traição, se o fraco medo  
 Vos não devora os peitos: s'inda os braços  
 Tem valor de vibrar as lanças: s'inda  
 Mereceis que vos chame meus soldados,  
 Seguí-me, respeitai a vossa fama.  
 O mundo veja, e tímido se aterre,  
 Como fere Archelauro: nossos golpes  
 Elevadas pyramides erijão  
 De mortos. Sejam estes, se morrermos,  
 Pomposos mausoléos, em que vingadas  
 Descancem nossas cinzas. Véde, como  
 De feridas cuberto Polifonte,

Mi-

Minhas ordens cumpro , e vem dizer-me ,  
 Que as malignas cabeças dos traidores  
 Se alçarão nas muralhas. Eia : vamos  
 Encontrar-nos co' os trémulos çadav' res ,  
 A vencer , e triunfar por sima delles.

## S C E N A II.

*ARCHELAURO, e POLIFONTE.*

*POLIFONTE.*

**O**H salva-te , Senhor !

*ARCHELAURO.*

Que tens ! No rosto  
 Manto vil de fraqueza te diviso.

*POLIFONTE.*

Meu corpo quasi exsangué , e estas feridas  
 Apinhoadas humas sobre as outras  
 O perigo te mostrão mudamente.  
 Polidoro , e Idomeo estão com vida ,  
 E os nossos todos mortos : só nos resta  
 A vingança seguir , até morrermos.

*ARCHELAURO.*

Traidor , tu proprio foste , quem dos braços  
 Lhes quebrou as cadéas ? Falla , e goza  
 De

De vida esses momentos.

*POLIFONTE.*

Dci-te o Throno,  
Comprado com meu sangue, e minha infamia.  
Tudo, oh monstro, me debes! . . tudo! e ingrato

Com crua ingratidão ousas pagar-me?  
Ohi, Numancia! teus gritos penetrarão  
Do Deos do raio os densos pavimentos!  
Fulminar sobre mim a mão já sinto,  
A justa mão potente! Quem me fere,  
Não és tu, Archelauro, que os meus braços  
Terriveis, quando ao Throno te exaltarão,  
Te serão fataes: tu os teméras.  
As feridas mortaes, que me rodêão,  
A vingança de hum Deos impaciente,  
Os brados de Plutão, os meus remorsos:  
Eis-aqui, monstro vil, quem me despenha  
No centro do Cocito. Ouve, tyranno!  
Felinto os teus sequazes tem extincto,  
E o povo em onda todo apinhoado,  
Seu Principe arrancou das vís cadêas,  
Cobrindo-me de golpes. Que mais queres  
Ouvir de mim? Não tardes, dá-me a morte,  
Traspassa-me o infiel, infame peito:  
Nas margens pavorosas, onde a noite  
Em denso, negro bosque á luz se esconde,  
Baxarei a habitar, onde escondido

Po-

Polidoro verei vingar meu sangue:  
 Arrastar-te a seus pés entre ludibrios.  
 Exultarei de ver-te exesperado  
 Rugir, e blasfemar contra ti mesmo.

*ARCHELAURO.*

Baixa pois a exultar, desce, cobarde,  
 A acompanhar vans sombras. Morre. (\*)

*POLIFONTE.*

Monstro!... (\*\*)

Contente morro, sim: a horrivel vida  
 Em frigidos vapores fugir sinto:  
 Treme, tyranno! treme dos opprobrios!...  
 No meio dos castigos, e remorsos...  
 Dos remorsos!... a voz me foge... treme!  
 (\*\*\*)

*ARCHELAURO.*

Creonte, vou vingar-te! Polidoro,  
 Encontra-te comigo; verás como  
 Rasguei o fraco peito de Aristides.  
 Verás, qu'inda a fatal espada póde  
 Abrir por entre peitos campo largo  
 Para a minha vingança.

SCE-

---

(\*) Mette-lhe a espada.

(\*\*) Agonizante.

(\*\*\*) Espira.

## S C E N A III.

*OLINDA, e ARCHELAURO.**OLINDA.*

Que pertendes ?  
 Tingir em nosso sangue a espada intentas ?  
 Procuras Policena ?

*ARCHELAURO.*

Aonde habita ?  
 Vencedora, e risonha o Filho segue ?  
 Eu os vou encontrar... mas que penso ! ..  
 O dia foge, e as minhas iras crescem. (\*)

*OLINDA.*

Oh Deoses ! escondi-nos do tyranno !  
 No seu extinguidor ferro não caia  
 Huma vida innocente ! Os olhos tremem :  
 Não vêm mais do que horror ! Quem não  
 nascêra  
 Em Numancia ! Que fazes, Policena !  
 Tropeçando em cadaveres procuras  
 Entre elles a teu Filho !... Oh Ceos ! que  
 vejo !...

*Quem*


---

 (\*) Vai-se arrebatado.

Quem me ampara!... Será minha Rainha  
Aquella, que estou vendo! Seu semblante  
De pállida agonia fria tinto.....

## S C E N A IV.

*POLICENA, e OLINDA.*

*POLICENA. (\*)*

**Q**ue montes de cadaveres se elevão  
Diante de meus pés! nuvens de sombras  
Tropeçando guerrêão anciosas  
A descer pela terra.... roto lenho  
Alli vejo alagar-se, e hum feio velho  
Armado de furor fere, e maltrata  
Tropel de afflictas sombras, que lhe implorão.  
Ah! que vejo!... alli vem ensanguentado  
Hum pállido mancebo! és tu, meu Filho!..  
Oh espera, Acheronte! tem piedade!  
Arreda-lo, cruel!.... feroz aspecto,  
Que arripias as carnes!... Vem comigo: (\*\*)  
Vamos-lhe supplicar, infeliz Filho!  
Tambem foges de mim!.. (\*\*\*) Eu te segu-  
ro... (\*\*\*\*)

Em

---

(\*) Com os vestidos desconcertados, e os cabel-  
los desgrenhados.

(\*\*) Anda em busca da sombra do filho.

(\*\*\*) Parando como quem lhe falla.

(\*\*\*\*) Couto quem lhe pega.



Em vão te chamo! Em vão teus passos sigo!

(\*)

Desgraçada de mim! as mesmas sombras  
Comigo são ferozes: té meu Filho!  
Oh Deoses da afflicção! Furias! Espectros!  
A Archelauro cercai, fazei sentir-lhe  
Os tormentos, e horror, que as sombras sof-  
frem.

*OLINDA.*

Policena, fujamos, vem comigo.  
Os olhos assustados só divisão  
Mortes em toda a parte; em toda estragos.

*POLICENA.*

Tambem, Olinda, tu errante tentas  
Commover a Acheronte? ... Tu me foges!..

(\*\*)

Mas eu te aperto, e tóco... Quem nos trôce  
A habitar nestas margens?

*OLINDA.*

Tu deliras!

Estamos em Numancia, e a morte vôa  
Contra nós com punhaes.

*PO-*

---

(\*) Julgando que lhe foge, e se esconde.

(\*\*) Segurando a.

## POLICENA.

Ah! tu te enganas!  
 Tinir grilhões não sentes? Não te ferem  
 Impacientes gritos aos ouvidos,  
 Como quem as entranhas lhe devorão?  
 He Ticio miseravel, Ticio triste,  
 Que implacavel tormento alli padece,  
 Sendo menos cruel do que Archelauro:  
 De sombras turbilhões não vês que correm  
 Por esse negro bosque furiosas!  
 Sôão Numantes bradando.

## OLINDA.

Policena,  
 Em que horrorot infeliz!... foge, Senhora, (\*)  
 Que Archelauro te busca: sua espada  
 Lançando sangue vem.

## SCENA VI.

ARCHELAURO, POLICENA, e  
 OLINDA.

## OLINDA.

Quem nos ampara!  
 PO-

---

(\*) Vê entrar Archelauro.

*POLICENA.*

Oh sombra de meu Filho! Oh caro Esposo!  
 Oh Felinto! Idomeo! Oh ternas sombras  
 De esquadões Numantes!... Tudo fica  
 Em silencio mortal; só tu, tyranno,  
 Ind'aqui me persegues!

*ARCHELAURO.*

Se eu fizesse  
 Sem piedade correr naquelle Templo  
 Co' o sangue de Arestides o teu sangue;  
 Assim me não verias; mas não penses,  
 Que subir has de ao Throno. Desce morta  
 Aos Infernos contar a teu Esposo  
 O triunfo do Filho. (\*)

*OLINDA.*

Cruel, queres  
 Matar tua Rainha?

*POLICENA.*

De ti nada (\*\*)  
 Me póde grato vir: ao mundo sóbe,  
 Acaba de allagal-lo de ruinas.  
 Faz cahir sobre o Inferno as sombras todas:  
 F Rei-

---

(\*) Archelauro levanta a espada, e o interrompe  
 Olinda correndo para elle.

(\*\*) Fugindo.



*OLINDA.*

Envolvida no pó, e no seu sangue,  
Exhalando talvez esteja a vida.

*IDOMEIO.*

Tal arrojo Archelauro emprenderia!  
Polidoro infeliz verás cuberto  
De fúnebre cipreste o teu triunfo!

*OLINDA.*

Vem, Idomeo, busquemos o cadaver,  
Que abraçado com elle acabar quero. (\*)  
Vem animar-me.

*IDOMEIO.*

Espera, que os meus passos  
Já não são juvenis. Deoses supremos!  
Se vossa justa cólera se abranda  
Com minha morte, expõe a mortal ferro  
Hum tão inutil peito, e o prazer dai-me  
De morrer pela Patria!

F ii

SCE-

---

(\*) Vai-se.

## S C E N A VII.

**IDOMÉO** , **POLIDORO** , **FELINTO** ;  
*ARCHELAURO sem espada no meio de  
soldados.*

**POLIDORO.**

**N**ão pensavas,  
Que os Deoses paternaes, e vigilantes  
A virtude premêão, punem crimes?  
Vê pois como das ondas me tirárão,  
Para vir dar-te o premio: em vão urdiste  
Execranda traição, torpes projectos:  
Em ruinas a Patria sepultaste:  
Inundaste-a de sangue: os teus Monarcas  
Do Deos Tonante imagens sacrosantas  
Ao futor immolaste da cobiça.  
E para que, traidor? Para te veres  
Arrojado a meus pés sem honra, e gloria.  
Para o mundo te olhar horrorizado:  
Para em fim, trepidando o ferro veres  
No braço vingador rasgar-te o seio.  
Sim, traidor, sim, devia neste instante  
Nos Infernos lançar-te, onde te espera  
O rigoroso Minos: sim, devia  
Fazer banhar teu sangue a mesma terra,  
Que

Que folgaste de ver recém banhada  
 Co' o sangue de teu Rei ; mas não te quero  
 Resgatar dos remorsos , dos opprobrios.  
 Quero ver-te em cadéas , e vileza  
 Arrastado , e em teu crime confundido.  
 Então tu maldirás ambição cega ,  
 Que por sima de crimes , na deshonra ,  
 E grilhões te lançou em vez do Throno.  
 Com júbilo verei olhar do Olympo  
 Os Deoses satisfeitós : verei . . . .

*ARCHELAURO.*

Fatuo !

Quaes Deoses ? Quem são elles ? Archelauro  
 Desamparado , e prezo não te teme ,  
 Não se humilha a teus pés ; mas de ti zomba ,  
 E triunfar protesta , eu já te mostro ,  
 Que impero sobre ti , e sobre os Deoses.

*POLIDORO.*

Soberbo , em vão a sorte adoçar tentas .  
 Meus Numantes fiéis , eis o tyranno  
 Exposto ás vossas iras , vingar vinde  
 Em seu infame sangue a Patria , e os Deoses.

*ARCHELAURO.*

Nem tu , nem Deoses vãos , o mundo armado  
 Triunfão de Archelauro : minha gloria  
 Superior ao Fado os desafia

Cos-

Costumada a vencê-los. Neste transe  
 Os desprezo, e comigo as armas trago,  
 Com que já te venci, e a elles mesmos:  
 Eis o ferro, com que do Pai, que vingas, (\*)  
 Rasguei o coração, com que no Templo  
 Escarnei dos Deoses, derrubando  
 As vans Imagens, Aras, Sacerdotes:  
 Atravessallo vêde no meu peito,  
 Por cobarde não ter com vã piedade  
 Co' o mesmo tua Mãi atravessado.  
 A's minhas mãos acabo, não ás d'outrem. (\*\*)

*I D O M E O .*

Desamparado morre. Os torpes crimes  
 O entregáão nas mãos das crueis Furias;  
 Pois de seu coração a mão dos Deoses  
 Se tinha retirado.

*P O L I D O R O .*

Desce, monstro,  
 A habitar nos tormentos. Policena...  
 A minha afflicta Mãi vamos, Felinto,  
 Serenar o semblante: o prazo chega  
 De abandonar a dor, chamar o riso.

*F E L I N T O .*

Vamos, Senhor.

SCE-

---

{\*} Tira hum punhal da cinta.  
 {\*\*} Mata-sc.



## S C E N A VIII.

*OLINDA, e os ditos.**OLINDA.***Q**uem m'ouve ! Quem me ampara ! (\*)*IDOMEUO.*

Olinda , não a viste ?

*OLINDA.*He morta ! . . . Oh Deoses !  
Que vejo ! . . . Polidoro ?*POLIDORO.*Oh Ceos ! . . . Olinda ,  
A dor a assassinou ?*OLINDA.*Foi o tyranno.  
Em vão a procurei : montes de mortos  
De mausoléo horrífico lhe servem.*IDOMEUO.*

Oh triste Policena !

*PO-*

---

(\*) No fim do theatro.

## POLIDORO.

Cruel dia !

Infeliz Polidoro ! torno ao Throno ,  
 Meus Numantes me cercão ; mas , oh Deoses !  
 Os degráos são cadaveres ! Mal subo ,  
 Em torno d'elle vejo errante o Espectro  
 D'huma Mái : os seus beijos frios se abrem.  
 Ella me accusa : em rosto ella me lança ,  
 Que ao Throno me exaltei com sua morte ;  
 Que sem piedade ( Deoses , tem justiça ! )  
 Consagrei aos desejos da vingança  
 Os seus ultimos dias. Polidoro ,  
 As Furias te perseguem ! A amargura  
 Será teu alimento a par do pranto !  
 Vem , oh ferro fatal , vem no meu peito  
 Esconder-te benigno. Derramaste  
 O sangue paternal ; és o instrumento  
 Da dor , que me atormenta ; tambem sede-o  
 Da minha morte , e paz. (\*)

CREONTE.

Senhor !

FELINTO.

Que fazes !

PO-

(\*) Vai busca-lo.

*POLIDORO.*

Levanta-te , Archelauro, ao Throno sóbe, (\*)  
Triunfaste do Ceo , de mim triunfa ! (\*\*)

*FELINTO.*

A sempiterno horror , a infamia , e odio  
Não consagres teu nome !

*POLIDORO.*

Não importa  
Que abominavel seja hum triste a todos.

SCENA IX.

*POLICENA, e os ditos.*

*POLICENA. (\*\*\*)*

**P**olidoro , não me ouves ! Tambem t'armas  
De furor contra mim , ingrato Filho !

*POLIDORO.*

Oh rouca voz , que surges lá do Averno . . .  
Falla , accusa meu crime, oh Mãe , que bradas !

*PO-*

---

(\*) Com o ferro na mão.

(\*\*) Para ferir-se , e fica suspenso por Felinto.

(\*\*\*) De dentro da Scena.

P O L I C E N A .

P O L I C E N A .

Que ouvi, . . . suaves écos, bradai! terra,  
Deixai surgillos!

O L I N D A .

Ceos! Viva, Senhora!

P O L I D O R O .

He sonho a minha vida! São seus dias  
Delirios, e fantasmas! Policena,  
S'és tu, e não espectro, vòa ao Filho  
Consola-me em teus braços. (\*)

P O L I C E N A .

Mas tu foges . . .

Tu me abraças, oh Filho! Onde habitavas  
Tão surdo a meus clamores? Eu me engano!  
Não póde huma infeliz gozar momentos  
De prazer tão suave; mas eu vejo  
Teu angelico rosto: eu sinto hum tacto,  
Que as entranhas me banha de doçura.  
Oh Deoses, sepultai no escuro Averno  
As sombras, que me cercão: deixai ver-me  
Os raios da verdade . . . Mas, Olinda,  
Não he Felinto aquelle?.. Idomeo . . .

F E -

---

 (\*) Vai abraçalla.

*FELINTO.*

Somos.

Da morte me salvou para vingar-te  
A Divina Justiça. Eis alli morto  
O monstro das torpezas.

*POLICENA.*

Vai , tyranno ;

Nos tormentos pagar tanta amargura ,  
Que beber em opprobrios me fizeste.  
Oh Filho ! Oh parte da Alma !

*POLIDORO.*

Vem , Senhora :

Da tormenta fatal respirar vamos.  
O Ceo nos enviou a paz risonha ,  
Dos tristes paternal libertadora.

*IDOMEU.*

Já mais o justo afflicto desespere  
Nas desgraças ; e o ímpio trema sempre  
Da vingança dos Deoses , que o vigia.  
A Mão Omnipotente , que segura  
Este vasto Universo , tudo rege  
Com sábia , com piedosa providencia.  
Nos trabalhos ao justo consternado ,  
No centro do deleite ao ímpio horrendo  
Dar soccorro , e castigo sabe , e póde.

F I M.

## E R R A T A S.

<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
Pag. 23 v. 3. nutrirá as esperanças	nutrira es- prança
Pag. 55. v. 20 Meditárão	Me dictárão.

8 NO 65



















